

COSMO LITTERARIO

Redactor M. A. Major

Anno I

N. 18

PARTE LITTERARIA

Os Esboços Poeticos do Sr. Brandão Pinheiro

CARO PEREIRA

De dia em dia multiplicão-se os elementos da intellectualidade produzindo sempre alguns fructos mais ou menos aprimorados, mais ou menos deleitosos; de dia em dia a poesia ensaia-se em novas vestes e em novos êstros, a lyra é almejada e as portas do Pindo arrombadas á golpes de machado; de dia em dia rareão as fileiras dos amantes do mate.ialisino, á proporção que as filas dos mancebos estudiosos engrossão com novos adeptos e neophytes.

Ainda hontem a sepultura recebia os feretros de Alvares de Azevedo, Dutra e Mello e Junqueira Freire, e já hoje surgem no horizonte litterario novos astros predestinados á brilhar no nosso hemispherio, não queremos dizer que o auctor dos *Esboços Poeticos* seja um desses portentos, cujo brilho divisa-se logo ao nascer, não o queremos classificar na pleiade dos poetas-cysnes de arroubadas inspirações, porém, tambem o diremos em sua honra, se Brandão Pinheiro não foi fadado ao berço com uma dessas missões que fervem no cerebro, e que lobriga-se nos traços phisionomicos, é sem duvida um moço intelligent que, estudando todos os artigos concernentes á poesia, tirará proveito, e prestará um serviço ao progresso concorrendo com o seu obulo para a sancta missão da perfectibilidade.

A poesia é um paiz bello e maravilhoso, porém para n'elle entrar-se é preciso atravessar os desertos áridos, os sertões onde silva a serpente, tropeçar nos trilhos sinuosos, perder-se nas mattas trevosas, ferir os pés nos espesinhadores abrolhos, expor a cabeça aos ardores do estio e o corpo ao contacto veniminoso dos reptis, é preciso soffrer como o justo, suportar todas as fadigas, atravessar os paúes e saltar todos os regatos. E quantas e quantas vezes succumbe-se, e quantas vezes o corpo cahe desfalecido e a alma ainda pullula ardente e enthusiastica? Brandão Pinheiro é ainda soldado de hontem, necessita de exercicio e pratica, precisa calcet o chão humido dos combates, affrontar as balas e ouvir com socego o marcial clarim e o troar dos canhões inimigos. Como destro recruta colherá o grão de soldado, e depois de neste posto avançar-se entre os demais, então terá como horizonte um futuro porque serão, suas divisas, suas accões meritorias.

Se Brandão Pinheiro necessita de estudo, os *Esboços Poeticos* necessitão de correção, porqua a falta de poesia, metrificação e arte é por demais sensivel. Não queremos apêgo á escola classica, mas tambem não desejamos linhas alinhavadas e baptisadas; pedimos entre uma e outra cousa, um intermedio.

Quando não estuda-se a arte, e quando estudando-a convertemol-a em um romance, que lê-se descrevendo vividas illusões no terreno da imaginação não se pôde tirar um resultado feliz de tal modo de aprender, e jámais colher-se-ha fructos que não sejão iguaes a semente, porque seria atirar-se á terra ingrata, ingrata semente, e depois, em sonhos, ambicionar-se uma messe esperançosa.

Se a poesia não instruir ou deleitar, será então uma sombra; se o poeta não tiver conhecimentos, se não inspirar ao leitor essa sensação que abala e commove, que terrorisa e faz duvidar, se o poeta não sabe explicar esse sentir vivo e animado, se não possue mais do que nós os meios de guiar-nos nas voluptuosas estradas do idealismo e nas cavernosas mansardas do materialismo, se não souber mostrar a lascivia e a licença

bailando no bordel, a müssalina reinando na crapula, se em poeta di-vino não fallar as turbas na linguagem enthusiastica e divina manifestando um Deus dominando, os adornos da belleza, os encantos da natureza, então não será poeta, porém asselvajado menestrel que recita canções rapsodicas para receber em premio uma bolsa atirada aos pés ou as migalhas do banquete opulento da aristocracia, será um jogral porém nunca um poeta, em cuja intente regorgitão as lavas da inspiração.

Por isso quando não se é o cantor das *Primaveras* ou Macedo Junior cuida-se em cultivar, soffre-se aceitando-se as lições dos mais adestrados, e recebendo as instruções dos mais peritos, por isso quando não chama-se Alvares de Azevedo e quando não assigna-se Junqueira Freire deve-se avaliar em aturadas pesquisas o quilate de todas as theorias, pesar em boa balança as regrinhas da arte, habituar-se á melodia que ha immortalizado Bellini, ganhar-se a harmonia cadente, copiar da natureza e roubar do infinito todas essas doces sombras que esvoaçam em noutes de luar, é preciso ouvir-se o murmurio dos regatos, o sussurro da brisa serpenteando por entre o laranjal, apreciar o trinado melodioso do canario e o grito agudo da araponga, é conveniente escutar a voz solene dos ventos zombando dos visos da montanha, o silvo da serpente e o regougar da raposa, é preciso colher aqui e ali flôres diversas para reunir um lindo ramalhete, e se cada flôr é bella o ramalhete é um complexo de suavissimo perfume e variedade de cores.

Os *Esboços Poeticos* aparecerão antes do tempo, e por consequencia a critica talvez pareça um tanto severa; o auctor nem dedilhou bem a lyra nem a lima: se não entoou com melodia o cantico muito menos o polliu. De tantas poesias, raras são aquellas que correspondem a expectativa, não desejavamos estender nossa apreciação, porém o que queres, Pereira? Pediste-me uma analyse, ella ahi vai, julga-a severa porém justa, terrivel porém imparcial, acabrunhadora e tudo que quizeres.

O Brasil, poesia de doze sextilhas, onde o primeiro verso rima com o segundo, o terceiro com o sexto, o quarto com o quinto, é a primeira prova do que latamente havemos dicto, é o documento imparcial de nossa censura, e se duvidar-se leia-se essas tres primeiras sextilhas:

Vou cantar a minha terra,
Vou dizer o que ella encerra
Em flôres, perfumes mil;
Vou descrever as bellezas
Deste mundo de riquezas,
Que se chama o meu Brasil.

E' escusado eu fazer
Trabalho para descrever
Estas, estas formosuras;
Pois que outros poetas mimosos
Por certo mais talentosos
Tiverão essas venturas.

Por isso sómente vou
Audaz, louco que sou,
Por ir fazer a pintura
Destas formosas paisagens
Destas mil lindas imagens
Primores desta natura!

O que salva ao auctor são os ultimos versos em que confessa-se que se não pôde descrever bem o Brasil ao menos tentou, e isto é uma boa desculpa para os nossos tempos, em que a floresta é destruída, os montes furados e as produções da natureza esmagadas sob as rodas da locomotiva.

Na poesia *A uma flor* o auctor esqueceu-se da Grammatica, calcou a syntaxe e nem por isso esvoaçou em limpido céo, porque emmaranha o pensamento e obriga o leitor a jejuar á respeito de entender.

No *Orphão e Improviso* encontra-se defeitos, e na composição — *O que eu amo* — além das faltas commettidas encontra-se esse verso que para nós nada tem de poetico :

Amo-te a ti toda inteira

Tasso e *Camões* em versos soltos necessita de uns toques e bastante correção.

Se existe nos *Esboços Poeticos* alguma belleza é por certo nos *Prantos d'alma* e *B'isas*; belleza isolada vegetando ao ardor dos defeitos e tornando-se resequida, porque minguão-lhe as companheiras. Tanto n'uma como n'outra poesia não ha a suavidade do estylo, nem a amenidade, porém antes queríamos que todas as demais fossem tão boas como estas, fazemos votos para que o Sr. Brandão Pinheiro arrime-se á escola *lamaratiniana*, e della possa extrahir as plausibilidades de um estudo proveitoso.

A *Ave-Maria* é uma poesia portugueza, ou então sem local. A rima é sofrível e a versificação podia estar muito melhor porque a arte é prodiga e o pensamento está retalhado e não acabado.

Recordações é uma triste testemunha da convivencia poetica do auctor do livro de poesias que me enviastes, ella não está só, possue antes e depois muitas irmãs, razão que nos obriga a abandonar a viagem e a resumir os nossos pensamentos, e para que continuar? Para demonstrar o volumoso do erro e a enormidade do defeito? Para apresentar os esquecimentos continuos, a versificação falseada, o metro mal lapidado, a harmonia aparecendo em raras ocasiões?

Ninguem mais do que nós sabe a aridão do estudo, porém nós somos os primeiros a aconselhá-lo, ninguem mais do que nós também ha visto as flores mais bellas nascerem por entre os espinhos, por isso se o auctor dos *Esboços Poeticos* estudar convenientemente, e se applicar como deve não seremos os ultimos em o applaudir, e em dirigir-lhe um brado de admiração e homenagem.

Eu, meu revera, o que tenho a dizer-te a respeito do livro que me mandastes, e nota que isto não é critica, é porém um modo de pensar e nada mais.

MAJOR.

A Polonia.

A Polonia tem sido o objecto das sympathias universaes e no entanto vai succumbindo ao jugo oppressor da Russia, tem sido o alvo dos poetas, o ponto dos oradores e o thema de todas as idéas liberaes e apesar de tudo isto a pobre Polonia morre ao desalento e seus filhos são atirados para os gelos da Siberia.

A sorte das nações varia, porém ás vezes quantos annos não são precisos para transformar-se a face das nações? Que o digão os empreiteiros de 89 os carbonarios de 30 e 48, e que o contem aquelles que lá nas serranias nevoentas da Sarmacia arrastão pesados grilhões.

A causa da Italia que não é a causa do mundo, que é um engodo e especulação teve admiradores e campeões: Houve um *embroglio*, porque se os duques e os austriacos forão expelidos de suas possessões, Napoleão conquistou Niza e Saboia, e o usurpador dos direitos monarchicos e o imitador dos tempos que passarão ambiciona e sonha com Roma. Apezar desses quadros pouco agradaveis, porque deslisa-se um Garibaldi bailando no scenario entre um chusma de *reformadores*, e apesar da liberdade apregoada, elles, os senhores da época, desmantelão instituições, dissolvem corporações monasticas e sorvem o patrimonio das congregações religiosas.

Ea Italia teve por campeões um Napoleão III e a politica in-

gleza, a Polonia porém que não offerece um campo, onde o interesse possa pronunciar-se e onde trave-se as complicadas luctas entre as ambições pequeninas de homens que se cuidão politicos, — a Polonia oscilla entre a impotencia e o entusiasmo dos seus valentes soldados que não lhe saltarão; entusiasmo sobrou e no entanto a filha legitima das concepções heroicas da idade-média desfalleceu. Cantarão-na os poetas, porém seus cantos erão apenas elegias e a Europa tracta de empolgar a Dinamarca.

No mundo positivista, em cujos pólos estão a França e Inglaterra, podem cuidar de tudo menos da Polonia: *Primo*. Podem elles emancipar um povo quando são as primeiras que pelas armas impõem jugo? *Secundo*. Que bello exemplo não teria Argel e Irlandia, Niza, Saboia e Malta quando vissem as armas anglo-francesas destruindo os fortes entrincheiramentos dos tyrannos.

Sem mais conveniencia a não ser o temor do futuro, a Europa respeita a Russia, e deixa succumbir a Polonia.

A mocidade dá-lhe *vivas* e os poetas *cantos*.

Já é muito, dizem os politicos e desta forma desmantelão os castellos dos principios livres.

A Polonia, livre ou escrava, é e será o objecto das sympathias e affeições do mundo, porque sua historia é o encadeamento de heroicidades e martyrio, e sua vida uma epopéa mystica.

M.

Folha Solta!

MINHA MÃE

Minha mãe, vou pintar-vos a triste situação em que me acho; e da mansão celeste em que habitaes prestai a atenção ao filho que, banhado nas lagrimas da orphandade, vós pede que escutais as suas queixas repassadas do mais amargo sofrer... Minha mãe! Depois que o sofrer da morte separou-me de vós, envolven-do-vos no sudario de gelo, eu o filho sem amparo, tenho vivido nesse desterro que é dado áquelle que no botão da vida perde o que existe de mais apreciavel na vida... Sua mãe! Como ave in-plume, ainda cedo abandonada do ninho, que solitaria treme ao frio do isolamento, assim eu suspiro e choro, como a ave o seu ninho, do lar materno que, no desapontar da vida suspirando deixei!

Depois que me deixastes só e sem abrigo no mundo, tem sido o meu allivio as lagrimas e o meu prazer a tristeza! Meu gasto é sempre nas horas mortas da noite, quando tudo parece estar adormecido, erguer as mãos ao céo e rezar, pedindo a Deos por vossa alma e descanso para o pobre orphão que sem amparo vive a carpir suas magoas, bem como o monge, nos sertões mais desertos, chora pelas culpas do passado!

Minha mãe, pedi a Deos que faça com que meus dias se abrem para que eu possa, abandonando tudo quanto no mundo existe, abraçar-me com vosco na eternidade!

Rio de Janeiro 29 de Junho de 1864.

ADEODATO SOCRATES DE MELLO

PARTE RECREATIVA

Mosaico

* *

A semana não foi das melhores : os acontecimentos falharão, as bravatas diplomáticas diminuirão, o cambio baixou, a poesia gemeu, a literatura chorou, o jornalismo esteve em colicas, a novidade invadiu os cerebros e por fim nada viu-se, nada veiu e nada venceu-se.

* *

O *theatro de S. Pedro* com a sua medalha de bronze, com o seu distinto e muito applaudido Simões vai sulcando os *mares nunca d'antes navegados*.

Seus actores envidão esforços e quanto a nós são mui e mui infelizes, porque por mais que façam e por mais que trabalhem nada adiantão e nada obtém.

Triste destino !

O *Gymnasio*, lambendo os beiços ainda recordando-se dos bellos tempos que passarão-se e das bellas noites que não voltão, chora o amargurado transe de uma vida íngloria, suspira pelas *neves* porém pôde desenganar-se porque por mais que esforce-se ficará na estação dos que só tem por crenças um *passado*.

O Vasques recebeu na *Gazetilha do Jornal do Commercio* um *elogio* muito classico e aquelle « accrescenta que é verso » nada depõe em prol do nosso patrício que tanto nós tem divertido com sua fonte de recursos. Porém diga o *Jornal do Commercio* o que pensar ainda que pense bem, o Vasques irá proseguindo na longa estrada da literatura dramatica e o auctor do *Othello* remexe-se no seu sepulchro roido de ciumes vendo sua gloria evaporar-se e sentindo a voz do publico apregoar o Sr. Vasques como auctor de *trese* produções que vendem-se no escriptorio do theatro *Gymnasio*.

O *Lyrico* ou anda mettido n'uma *Cruz de Fogo*, ou vê os *pés negros da Irlanda*; do contrario não achando n'uma noite de carnaval a porta da rua vacilla entre a ignorancia d'um provinciano em *Lisboa* e a feresia d'um salteador da *Serra da Estrella*.

Comtudo este pobre theatro dedicado as estréas das *primas-donas* do farfalhão e improvisado atheneu Lyrico (chamado *Italia* na expressão do meu amigo André das Luminarias) possue uma *Estella* que esforça-se e não engana o publico, e que não tem dado mausitos espectaculos : a *Ricciolini* dansa chistosos solos, e o resto da companhia, quando não seja perfeita, é *aussi aussi*.

S. Januario.... Aparemos a penna, porque além do escriptorio lobrigamos uns olhos que nos espreitão, e uns vizinhos que nos espião.

Pela decima terceira vez forão á scena *Os Miseraveis*, e pela segunda os admiramos : Cada vez nos capacitamos mais das bellezas e senões do drama do talentoso Dr. Agrario, cada vez

nos achamos din
vez a companhia

Sem fallar do
campo dos com
vuras das vivan
Fernanda, Thero
bem ao Sr. Mac
Salles Guimarãe
lord ante a cor
prio de um *sauv
tista*) dizemos : A
sos os artistas bra
e entusiastas fill
os esforços dos s
nem nos honra
voir.

Appareceu no
suivis d'un roya
brasileira chama
numero do 2º ar

A primeira pre
mir nas estantes
cebos acordados

Appareceu igu
Tempos de Thec
celeumas em to
todos os cantos c
por consequênci
do-se dos seus ;
surgir bellos poe
conceito entre n

Dizendo synth
Tempos pôde af
e que cheira ou r
porém o maior
ouvido a melodi

No dia 2 de J
Bachareis em le
Fallarão diversos
e alguns dos soci
cumba aos ardoi
damente; fazem
para que possa
e bello.

Post-

Esquecido o
ticia que « o mo
dizer engrandeci

Como não entei
de novo : Ha movi
lheres Perdidas de

■■■■■

O ABANDONNO.

iste, ó virgem, de meus olhos ternos
 Qual branca pomba,
 Que vôou — fugio ;
 iste, ó deuza, de meus olhos bella,
 Qual meiga virgem,
 Que p'ra mim sorrio.

Iosas magoas, que'a saudade deixa,
 Esmagão o peito
 No pulcar d'amor.

iste sim, que esconder-te foste
 Nos verdes ramos,
 Só deixando a dôr.

Jade louca que meu peito sente.
 Soffrer faz n'alma
 Tão cruel paixão.
 ti eu choro, nesta relva secca
 Lagrimas puras
 Só por ti em vão

resta triste, que te falta agora,
 S'em ti encerras
 Quem fugio de mim ;
 ando a relva, onde amor gozava
 Queridos laços
 n amor sem fim ?

berta á mente, no passar da vida
 Por ti tão crente
 Mui vigorosa é ;
 fez minh'alma no raiar d'um dia
 Suspirar terna
 Com amôr com fé.

iste, ó virgem, da paixão ardente
 Santa na terra,
 Que p'ra ti nasceo ;
 doce sonho de illuzão doirado,
 Feliz ventura
 Que p'ra mim morreo.

iste, ó virgem, para triste selva,
 Levando tudo,
 Que gozei então ;
 foi perdido no passar do tempo
 Esse abandono
 Que não tem perdão.

LEITE DE CAMPOS

Eu amo....

amo o teu porte de tantos primores,
 Que é
 os olhos tão negros que fallão de amores,
 Com fé !

Eu amo os teus labios, e as voses suaves
 Que tem :

Que roubão doçuras aos cantos das aves,
 D'alem

Eu amo-te o riso dos labios mimosos,
 Em flôr ;
 Teus labios que dizem, gentis, graciosos
 — Amor.

Eu amo o teu collo, tão cheio de graça,
 Gentil ;
 E o doce perfume que della perpassa,
 Subtil !

Eu amo-te, ó virgem, a côr tão fragante
 Da tez ;
 E a debil cintura de tão elegante
 Dobrez.

Eu amo essas lindas, tão negras madeixas
 Que tens ;
 Que ásveses, se as beijo, calando mil queixas
 Retens !

Eu amo o teu todo de tantos encantos
 Primor ;
 Qu'inspirão min' harpa nos mysticos cantos
 D'amor.

E. VILLAS-BOAS.

Tua imagem ?

*Não és mulher, mas deidade,
 Uma fada seductora.*

G. DIAS.

Quizera com vivas côres
 Tua face de primores
 Nos meus cantos, retratar ;
 Porém não posso, mimosa,
 A face é tão primorosa
 Que não sei como traçar.
 O pintor, nos seus painéis,
 Co'os mais sublimes pinceis,
 Não sei se pinta tão bem
 O retrato da belleza
 Com a côr e gentileza
 Que teus finos labios tem.
 Se agora tentasse o artista,
 Diante de tua vista
 Retratar-te em seu painel ;
 Louco de amor se abrasára,
 Nem mais a imagem traçára,
 Da mão cahira o pincel.
 E como posso, morêna,
 Se dos dedos cahe-me a penna,
 Te traçar agora aqui ?
 Não sabes, ai, que padeço,
 Que quasi, quasi enlouqueço,
 Que morro de amor por ti ?

Eu não posso retratar-te,
 Vivo só para adorar-te
 Supportando dôr cruel ;
 Se um anjo do céo baixasse
 Pôde ser te retratasse
 Do rosto a imagem fiel.

JOSINO EMILLIANO DA SILVEIRA.